



# Produções literárias

---

## Trabalho de campo

### Caminhos da serra do mar

o trânsito entre cidade, mercadoria, trabalho e vida



arco

2022



# Índice

Arco escola-cooperativa

[ 2022 ]

Quem vai à beira do mar, ai.....	4
Velho trabalhador.....	8
Um pouco acima do porto.....	11
Os olhos de Maria.....	14
Uma pequena lição.....	18
Através do olhar social.....	20
Duas semanas.....	23
Noite.....	25
O comércio na Baixada.....	27
Tragédia e Amor.....	29
Olhos de gato.....	32
Alice Vellonur.....	34
Esta terra.....	36
O senhor borrachudo.....	37
O dia em que os portêineres se aposentaram.....	41
O portuário.....	43
3 de agosto.....	45
Nervosia da Baixada.....	47
O conto da catraia assombrada.....	50
Portuário.....	52
Vigília no porto.....	56
O operário no porto.....	59

[ introdução ]

## Quem vai à beira do mar, ai...

---

Rafael Ciancio e Suelen Moreira

[ professores ]

*Santos não é bem um tema, é uma solução aberta.*

Patrícia Galvão

Julio Cortázar dominou como poucos a arte de escrever contos. Em uma conhecida palestra intitulada “Alguns aspectos do conto”, o escritor argentino procurou definir aquilo que ele mesmo chamou na ocasião de “alquimia secreta”. Para começar a escrever, diz ele, deve-se primeiro “recortar um fragmento da realidade, fixando-lhe determinados limites”, o que, por si só, já engendra grandes dificuldades, uma vez que esse “fragmento da realidade” precisa conter o potencial de, por meio do trabalho literário, atuar “como uma explosão que abre de par em par uma realidade muito mais ampla”.

Se isso não é fácil para alguém que tenha dedicado a vida a esse ofício, para alunos do 9º ano e da 1ª série o desafio é enorme – mas foi justamente isso que nós propusemos a eles...

Ainda nas palavras de Cortázar:

Por mais veterano, por mais hábil que seja um contista, se lhe faltar uma motivação entranhável, se os seus contos não nasceram de uma profunda vivência, sua obra não irá além do mero exercício estético. Mas o contrário será

ainda pior, porque de nada valem o fervor, a vontade de comunicar a mensagem, se se carecer dos instrumentos expressivos, estilísticos, que tornam possível essa comunicação.<sup>1</sup>

Para dar conta dessas duas dimensões do trabalho, escolhemos colher nossas vivências justamente em um momento repleto de acontecimentos relevantes para os alunos, o Trabalho de campo, realizado na Serra do mar. Eles foram convidados a observar a cidade, entrevistar moradores, fazer pesquisa histórica, de modo a ter subsídios para a construção estética que se daria em torno da vivência escolhida e que eles transfigurariam em seus contos. Essas produções literárias deveriam, portanto, estar situadas no ambiente que os alunos conheceram de perto, mas com um olhar distanciado, uma vez que ele determinaria a ação dos personagens, moldando suas possibilidades de escolha e muitas vezes o próprio conflito da narrativa. Esse modo de produzir foi particularmente desafiador, porque comumente a ambientação da narrativa está a serviço do sentido que o escritor pretende para seu texto, e não o contrário, como fizemos. A nosso favor, tínhamos um ambiente que já inspirou grandes escritores e que, a cada nova obra, atesta seu potencial. Os versos do Nobel chileno da literatura não nos deixam mentir:

Quantos grão de café, quantas gotas salobras  
De suor? Talvez o mar  
Se encheria, mas a terra não, nunca a terra, nunca satisfeita  
Faminta sempre de café, sedenta  
De suor negro! Terra maldita, espero  
Que arrebetes um dia, de alimentos, de sacos mastigados,  
E de eterno suor de homens que já morreram  
E foram substituídos para continuar suando.<sup>2</sup>

Apesar de se tratar de um exercício escolar, aqui, o leitor encontrará produções literárias de qualidade, muitas vezes surpreendentes, nas quais ecoam os grandes temas da região, presentes na poesia de Pablo Neruda e de tantos outros, como Blaise Cendrars e Elizabeth Bishop, se quisermos ficar especificamente na cidade de Santos, ou mesmo Jorge Luis Borges, caso expandamos nossos horizontes para uma literatura portuária, de modo geral. É notável que não só um rigor com a linguagem bastante apurado para suas condições de produção tenha sido alcançado, como também uma visão de literatura complexa e crítica, o que nos deixa bastante orgulhosos.

Não será a consciência do próprio escravo dos versos de Neruda que “O portuário” procura investigar? No conto, a subjetividade do ser humano – tornado mercadoria e submetido a uma vida cuja falta de sentido lega a ele somente uma única saída – ganha destaque e é revisitada com sensibilidade e ousadia. A discussão política a que “Velho trabalhador” consegue dar forma, capturando a solidão

---

<sup>1</sup> CORTÁZAR, Julio. *Alguns aspectos do conto*. In: \_\_\_\_\_. **Valise de cronópio**. Tradução de Davi Arrigucci Jr. e Alexandre Barbosa. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1993.

<sup>2</sup> NERUDA, Pablo. *Santos Revisitado (1927-1967)*. In: \_\_\_\_\_. **A Barcarola**. Porto Alegre: L&PM pocket, 1998.

contemporânea do narrador que, alienado de companhias, descobre sua condição ao observar a descartabilidade de um colega de classe morto é surpreendente e profunda e atualiza os dilemas dessa “terra” sempre “faminta”, da qual falamos. “Na luz que ele [o bom texto] irradia sobre o seu objeto determinado outros começam a cintilar”<sup>3</sup>, diz o filósofo alemão Theodor Adorno; se for verdade o que ele diz, então os ecos entre os grandes textos e as produções literárias de nossos alunos atestam que estamos no caminho certo.

Gostaríamos ainda de destacar algumas produções, sem com isso desmerecer as outras, como forma de exemplificar a pluralidade de estratégias e os bons resultados alcançados. Vejamos a criatividade de um conto que faz os leitores observarem os acontecimentos cotidianos de uma cidade portuária com “Olhos de gato”; ali, é do estranhamento causado pelo choque das perspectivas do narrador-personagens felino e do leitor que emerge o sentido da narrativa. Ou de “Os olhos de Maria”, conto no qual o esforço literário em torno da solidariedade entre duas mulheres toca fundo o leitor, porque sua autora soube estilizar o discurso de uma personagem que fala poeticamente, como se quisesse fazer jus, com as armas que tem, à vida da companheira que despertou nela a sensibilidade para a beleza. É curioso notar como os temas de ambas se tocam; teriam Maria e o gato que caminha pelos telhados de Santos se cruzado na fatídica noite? Talvez essa noite não seja outra que a descrita nos inesquecíveis versos de Lídia Maria de Melo:

No entanto, não pôde impedir  
Que o montador de seu nariz  
Violentasse meus olhos  
E me engravidasse o coração  
Com um pavor pulsante  
Que jamais poderei abortar  
E carrego comigo  
Cravado nos gestos  
Enterrado nos olhos,  
Com o incômodo  
de uma mãe que guarda no ventre  
o filho de um estupro.<sup>4</sup>

Em “Um pouco acima do porto”, o próprio processo de entrevista se torna matéria literária, e a discussão metalinguística de qualidade sobre como produzir um conto chega ao leitor de maneira insuspeitada. Já em “3 de agosto”, é a própria forma do conto que é posta em xeque, já que se trata, antes, de uma carta de amor não correspondido, como é comum em ambientes de trânsito constante, de

---

<sup>3</sup> ADORNO, Theodor W. *51 – Atrás do espelho*. In: \_\_\_\_\_. **Minima Moralia**. Trad. Gabriel Cohn. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.

<sup>4</sup> Melo, Lídia Maria de. *Filho de um estupro*. In: \_\_\_\_\_. **Raul Soares: Um navio tatuado em nós**. São Paulo / Santos: Pioneira / Universidade Santa Cecília, 1995.

chegadas e partidas. Nela, contudo, não é o porto o empecilho à realização dos sentimentos da personagem, o que torna tudo mais interessante.

Em uma segunda etapa do processo, dessa vez não mais individualmente, e sim em grupos que mesclavam os dois ciclos, os alunos foram convidados a adaptar suas produções para um texto dramaturgicamente, a partir dos recursos do teatro. Alguns grupos foram pelo caminho de mesclar os escritos, enquanto outros selecionaram o conto que mais agradou a todos para investir nele. Novamente, o desafio não foi pequeno. Apesar das enormes afinidades entre um conto e uma peça teatral, há uma distância enorme entre um e outro, quando pensamos nos recursos mais profícuos disponíveis para cada um. Os alunos logo perceberam que o contágio do modo de pensar típico de um contista é fatal para quem quer produzir uma boa cena, já que uma esta é antes de tudo ação, e não discurso; mesmo quando agir é falar, é da boca de um ator que geralmente deve sair o texto, e nem sempre aquilo que se quer dizer cabe às personagens presentes no palco.

Novamente, o resultado nos surpreendeu e agradou. Como o leitor perceberá, o gosto pelo fantástico é forte em ambas as turmas, e até mesmo no teatro esse modo de ver a realidade soube penetrar, como é o caso, mesmo que sutil, de “Vigília no porto”. Ali, o sumiço dos carregadores e vigilantes não pode ser reduzido a um modo metafórico de dizer algo que os autores não souberam expressar; pelo contrário, a metáfora é alçada a acontecimento cênico e dá força ao sentido da cena justamente porque obriga os personagens a lidarem com um fato aparentemente insólito.

Antes de irmos aos textos, uma última e importante informação: não estão aqui todos os textos produzidos, mas somente aqueles de alunos que quiseram ter seus textos publicados. Esperamos que o leitor aproveite a leitura, assim como nós aproveitamos!

[ conto ]

## Velho trabalhador

---

Lorena Ferraz Otani

[ 9º ano ]

— Cadê o velho?

— Morreu. Esta noite.

Sim, ele tinha morrido, e não, não fez absolutamente nenhuma diferença na minha vida e na vida de ninguém que estava ali.

Meses antes eu estava na fila da catraia para ir para o trabalho; barulho, gritos, pessoas, naquele momento era tudo que conseguia perceber. “Próximo!”, eu escutei, vindo de uma voz com um tom cansado.

Separei minha nota de dois reais, a única coisa que carregava no bolso e troquei-a por um papelzinho, que para mim só servia para lembrar que eu passaria as próximas 11 horas fora de casa.

Entrei na catraia, que balançou um pouco na hora em que eu subi. Me sentei e estranhei; não estava mais sentindo o cheiro horrendo que eu sentia naquela parte do caminho... assumi que algo estava diferente, até perceber um turista com cara de nojo. Vi então que era eu que tinha me acostumado depois de cinco meses trabalhando em Santos.

Nove minutos depois, eu estava exatamente onde eu estava todos os dias, no trabalho, rodeada de navios enormes e com containers passando por todos os lugares. Saí dali, novamente lutando para não

cair na água suja com o balanço. Coloquei o meu crachá e comecei a trabalhar, ali mesmo, como vendedora de passagens de catraia, pois é, só tinha vaga para esse serviço do outro lado da ilha, e como estava quebrada por causa da maldita pandemia, eu aceitei o emprego.

Nesse dia voltei do horário do almoço, a primeira pessoa que atendi foi o velho, que tinha o seu tempo contado e estava sentado esperando sua vez. Ele tinha cabelos e barbas brancas que foram ficando mais ralos até o dia de sua morte, ele era magro e já não parecia muito saudável. Todos os dias ele usava uma camisa azul bebê, devia ser seu uniforme de trabalho ou algo do tipo. Do primeiro ao último momento ele comprou passagens para o mesmo horário; ele trabalhava em São Vicente, e claramente não aguentava mais aquela rotina pacata, talvez já tivesse com vontade de acabar com tudo mesmo. Dei a passagem, e ele subiu, sem nenhuma dificuldade, parecia que estava pisando em terra firme; será que eu seria assim um dia?

O tempo foi passando, minha rotina continuava a mesma e o velho ia ficando cada vez mais velho, eu já estava um pouco melhor em subir na catraia sem parecer um boneco de posto, mas isso não fazia do meu dia melhor, só tirava o pouco de emoção que havia nele. Eram sempre as mesmas pessoas, trabalhadores dando passagens para trabalhadores que dali a um tempo estariam com outros trabalhadores trabalhando para que os não trabalhadores se dessem bem. E é isso que vivemos, ou dependendo do caso vivíamos, todos os dias aqui, eu e o senhor que sempre comprou passagens para o mesmo horário, que inclusive até ali continuava cumprindo sua missão de trabalhar pelos que não trabalham. Lembro que enquanto eu trabalhava não conseguia parar de notá-lo, ele tinha algo a mais que me chamava a atenção, era a única pessoa realmente velha que estava naquele lugar, talvez eu sentisse alguma curiosidade em relação a velhos ou talvez fosse a morte que já o assombrava desde lá, só sabia que algo me fazia não conseguir parar de olhar, me deixava curiosa.

Certa vez troquei a hora do almoço com uma moça que trabalhava lá também e vi o senhor com sua camisa azul de sempre, naquele dia ele estava resolvendo uma palavra cruzada em um jornal de dois meses atrás que tinha encontrado no chão. Como não tinha ninguém na fila, saí do meu lugar e fui falar com o velho. Me aproximei, ele nem reparou:

— Senhor? Desculpe incomodar, mas eu vi que você está com uma palavra cruzada meio antiga, eu tenho o jornal de hoje se você quiser.

Lembro que ele me olhou como se eu fosse uma criança que tivesse acabado de fazer uma besteira muito grande.

— Não quero não. Fique tranquila, não assino mais o jornal por pura opção- ele falou com um tom irônico.

Não entendi o que aquilo significava, então voltei para o balcão como se nada tivesse acontecido até porque já havia pessoas na fila novamente, e eu precisava voltar a trocar a nota de dois de cada um ali por um papelzinho pequeno.

Abri a gaveta de passagens e voltei a fazer o que estava fazendo desde o momento que tinha chegado ali. Uma moça se aproximou de mim:

— Não tente fazer amizade com aquele ali, é um baita de um rabugento, não perca seu tempo.

Entendi que ela estava falando do senhor e concordei, embora não tivesse parado de observá-lo, olhava, olhava, olhava e... bom, a única opção era continuar olhando. Continuei vivendo desse jeito, tendo o velho como minha única distração, principalmente quando ele percebia e me xingava, até porque, só tinha aquilo de contato com a pessoa que foi minha atração durante algum tempo. Semanas depois, eu estava na fila da catraia novamente:

— Próximo!

Tirei a minha nota de dois reais do bolso, troquei-a por um papelzinho pequeno, subi na catraia, dessa vez sem fazer a água mexer um dedinho sequer. Sentei-me e passei por todo o percurso reparando na cara dos turistas. Cheguei, vesti meu crachá e comecei a trabalhar.

Voltei do meu horário de almoço e a primeira pessoa que atendi foi uma mulher jovem, sim uma mulher jovem.

A partir daqui vocês já sabem o que acontece e já sabem que o velho não pisaria mais naquela estação... acredito que não preciso falar o motivo, a única coisa que importava naquele momento é que nada naquele lugar tinha mudado a não ser a vaga de emprego que estaria aberta para outro alguém. Depois de tudo isso pensei e bem... você quer saber de uma coisa? Eu vou morrer desse mesmo jeito, não vou fazer falta, não mesmo, serei só mais uma vaga nova. Aqui é assim, trabalhadores entregando passagens para outros trabalhadores que dali a um tempo estariam com outros trabalhadores para que os não trabalhadores se dessem bem.

[ conto ]

## Um pouco acima do porto

---

Manuela Perez Nagamine

[ 1ª série ]

Bancos gastos, já tingidos de escuro. Algumas pombas. Cheiro e som de feira. Passa um grupo de crianças, adolescentes. Árvores grossas. Uma parece meio avoadada, longe do grupo. Barulho de navio. Anota de mau jeito em um caderno. Cheiro de mar, de peixe. Olha na direção do porto, um pouco mais em cima. Olho também. Pássaros em redemoinho. Faz uma cara aflitiva, tento imitá-la. Anota no caderno com pressa e corre para perto do grupo. Atravessam a rua até a praça. Se espalham. Voam em volta de uma das torres do porto.

— Dá licença, será que o senhor me responde umas perguntas? — nem percebi que ela tinha chegado perto. Sento direito:

— Pergunta pra quê?

— É um trabalho de escola, a gente tem que falar com os moradores daqui, pra depois escrever um conto, alguma coisa assim. Você é daqui? — ela olha. Nos meus olhos.

— Sou sim.

Ela mexe um pouco nas páginas, meio atrapalhada. Desiste.

— Humm — tenta lembrar de alguma coisa — o senhor trabalha com o quê?

— Naquela vendinha ali — aponto para o outro lado da rua.

Ela anota. Olha pra mim, olha pra cima, pro porto. Para de anotar, fecha o caderno.

— O que é que o senhor acha daquelas aves ali, hum? — enfia as mãos nos bolsos.

Eu olho para onde ela olha.

— Estão aí todo dia.

— Você também? — fala com receio.

— O quê?

— Está aí todo dia?

— É, acho que sim. As vejo todo dia.

— Sabe de qual espécie elas são? - estreita os olhos, tenta enxergar mais.

— Não sei não, na verdade. Já me disseram que são andorinhas, os pássaros da chuva e tudo...

— Deve ser por isso que aqui chove sempre.

Pausa. Continuamos olhando pro porto, um pouquinho pra cima.

— Ou talvez seja a chuva que as atrai – falei, de repente.

Ela demora mais dessa vez, talvez buscando o melhor jeito de perguntar o que quer perguntar. Não quer parecer rude, ou sabida demais, mas quer que eu perceba que ela faz boas reflexões.

— Você vende o quê?

Demoro mais do que ela para responder. Me esforço para não demonstrar meu desapontamento com a pergunta. Preparei respostas para reflexões. As preparo a anos.

— Ervilha em lata, escovas de dente, chaveiros... todo tipo de coisa – minha entonação sai emburrada, apesar dos meus esforços.

— O senhor sabe o que passa pelos contêineres do porto enquanto vende ervilha em lata? – ela tenta conter um sorriso orgulhoso.

Aí está. Um tanto quanto arrogante, mas nada de anormal para uma adolescente. Respondo, falsamente calmo.

— Não sei quais são os produtos, mas conheço os sentimentos – o meu orgulho é melhor escondido.

Silêncio. Continuo:

— Quer saber se eu gosto ou não do porto, não é?

Ela levanta os olhos rapidamente; imediatamente tenta encobrir a surpresa.

— Eu vi no seu caderno – falo.

Ela dá uma risada. Olha para trás. Genuína, apesar de apressada.

— Você gosta?

— Não sei dizer. Vai ter que inventar – falo – para o conto – pausadamente.

— Ou posso só escrever que você não sabe dizer. Vou ter é que inventar os sentimentos que correm pelos contêineres do porto.

Eu rio.

— Ainda bem que os sentimentos são as coisas mais fáceis de escrever. Pode escrever os seus e fingir que são os de todos.

Ela não responde nada, seu orgulho dá lugar à curiosidade. Abre o caderno de novo, anota. Se despede e vai.

Distingo umas aves brancas no conjunto escuro.

[ conto ]

## Os olhos de Maria

---

Liz Gentile Diez de Sollano

[ 9º ano ]

Maria tinha olhos azuis grandes e brilhosos; olhos que pareciam refletir graça e deleite pela vida. Dizem que os olhos são a janela da alma. Maria tinha a alma bela.

Foram as primeiras coisas que notei ao vê-la, inocente e esperançosa, pela primeira vez. Capturei detalhes de quem era, como seu esforço para pronunciar as palavras nessa nova língua corretamente, seus dedos ainda desacostumados com a agressividade de nosso ofício ou a atenção que prestava aos mínimos detalhes da cidade, para ela ainda instigante, de Santos.

Aceitou o primeiro trabalho que encontrou ao desembarcar no porto. Era árduo, porém, quanta esperança lhe trazia! Foi esse trabalho que fez nossos percursos se cruzarem. Um ponto de encontro em estradas tão sinuosas.

Entre as vielas e canais sujos, Maria andava todos os dias antes do nascer do sol, já que não conseguia pagar o bonde. Preenchia seu posto antes do relógio velho marcar seis horas da manhã e coletava, selecionava, separava e classificava grãos de café até o mesmo relógio marcar nove horas da noite. Terminava de organizar as sacas gigantes e perigosas, sempre com cautela. Por fim, retornava à sua moradia minúscula, iluminada apenas por alguns lampiões.

Maria um dia me contou, que às vezes observava os mesmos lampiões e suas chamas delicadas e frágeis dançando com vida e poesia; mal sabia que ela era pura poesia.

O ar da Baixada Santista era poluído e repulsivo. Era denso e cheirava cinzas. Os pulmões de Maria, desacostumados com tal ambiente, logo começaram a apodrecer. Por semanas, Maria tossia até sua garganta sangrar e comia mal, menos do que deveria, o que resultava em desmaios durante seu turno. Embora nosso chefe não enxergasse o abuso e a exploração a que nos submetia, preocupado com os lucros dos negócios, concordou em mandá-la para casa por um curto período de tempo, até que ela pudesse se recuperar minimamente.

Por alguns dias, Maria repousou em seu colchão fino, duro e gasto para tentar se recompor, antes da inevitável volta. Me encontrei certa vez em seu apartamento infestado de mofo, para entregar-lhe uma combuca com sopa. Seus olhos se iluminaram ao enxergar minha presença e conversamos e rimos por horas, até a madrugada chegar. Com um sorriso estampado no rosto, saí silenciosamente e corri em direção ao trabalho.

Mesmo antes de estar plenamente recuperada, Maria já estava batendo seu ponto enquanto o sol nascia penosamente na linha do horizonte poluída de Santos.

Todas as noites depois de nossa exaustiva jornada de trabalho, nossos sapatos gastos ecoavam pelo chão das ruas, o asfalto ainda um pouco úmido da chuva eterna da cidade monótona. Voltávamos juntas para a casa, enquanto Maria me descrevia sua vida na Itália e sua bela irmã. Ela me contava em vívidos detalhes sua penosa vida em seu país natal, a morte de seus pais e sua curiosidade por conhecer novas pessoas e livrar-se de tanto peso e remorso. Maria cuidou de sua pequena irmã Rosa sozinha, enquanto completava a difícil tarefa de alfabetizar-se. Arrastou-se até a costa abafada, fedida e cinzenta de Santos em busca de um trabalho que a pudesse fornecer uma passagem para Rosa. Um recomeço que as libertasse de um passado denso, que por tanto tempo pesou em suas costas.

Pelos seus olhos luzentes e repletos de vida, ouvia os relatos de Maria com interesse e diligência. Entretanto éramos obrigadas a nos separar no meio do caminho de volta para casa, já que vivíamos em direções opostas.

Poucos passeavam nas ruas àquela hora da noite, então sua única companhia eram os grandes postes de luz alaranjada e fantasmagórica. Todavia Maria nunca reclamou. Maria nunca reclamou, mesmo quando aquele homem desprezível a sufocou enquanto violava seu delicado corpo. Sua voz não se manifestou. Foram apenas aqueles lindos e tristes olhos que marejaram e permitiram ao mar escoar. Talvez tenha sido nesses segundos que a chama dos olhos de Maria começou a parar de dançar. Deitada, Maria percebeu que não adiantava falar.

Com o ventre agora cheio e o estômago ainda vazio, Maria alterou sua rota e continuou a andar todos os dias para bater o ponto antes do horário.

Depois de alguns meses, os grãos de café não machucavam tanto suas mãos delicadas. Disse a ela que as mãos iriam se acostumar. Apesar de ser pianista, Maria nunca havia tocado em teclas de piano.

Giulia nasceu pouco tempo depois. Chegou ao mundo já chorando enlouquecedoramente. Seu pequeno e desamparado corpo esperneando em busca de proteção. Entretanto, foi quando vi seus olhos alucinantes, idênticos aos de sua mãe, que compreendi a beleza singular de sua existência.

A infância de Giulia se resumia a se pendurar nas árvores e descer escadarias correndo nas praças sujas da cidade. Maria tentava não deixar seu amor por aquela inocente criança ser afetado pelo sofrimento de sua concepção. Lembro que me sentava junto à Maria no muro baixo que cercava o jardim enquanto assistíamos Giulia correr atrás de gordos pombos.

Com o nascimento de Giulia, o pouco dinheiro economizado que iria ser destinado à passagem de Rosa, foi gasto com as necessidades da criança. Portanto, Maria comprou selos e enviou uma carta para o endereço da irmã. Não podia esperar sua chegada, agora tia!

A morte de Rosa foi anunciada semanas depois, por uma carta insensível de algum responsável. Os olhos oceânicos de Maria tentaram engolir tudo que tentava marejar. O mar não conseguiu ser barrado e escorreu por sua delicada pele.

Recordo-me vividamente de sua expressão ao ler as palavras que reportaram tão trágico acidente. Seu olhar se perdeu no horizonte e seu corpo se tornou tão leve que se quisesse, a brisa poderia carregá-lo. Segurei-a em meus braços fracos enquanto água salgada se derramava através de seus olhos. Foi nesse momento efêmero, quando acredito que uma parte de Maria tenha se fundido a mim.

Maria chegou ao trabalho em uma nebulosa manhã de agosto com círculos arroxeados rodeando seus olhos cansados. Por mais inacreditável que seja, havia esquecido de bater o ponto! Seu turno inteiro foi realizado com fadiga e desinteresse. Seus pés se arrastavam no chão enquanto caminhava. O ponteiro dos segundos do velho relógio andava com lentidão com o passar do dia. Me mantive distante, porém preocupada. A recordação de suas lágrimas, ainda nítida em minha mente, me fez pensar que talvez o mar não devesse ser barrado.

Viver já não parecia fazer a alma de Maria dançar. Seus olhos não tinham mais brilho nem força. Maria tinha a alma exausta.

Alma tão exausta, consumida e afadigada que seu corpo não aguentava mais suportar. Suspeito que sim, a pesada vida de Maria foi o que, no fim, a dizimou. De fato, querida Clarice, a vida come a vida! E foi nesse devorar de corpo e alma, entrelaçando vida e morte efetivamente, que o corpo frágil de Maria caiu ao chão, pisoteado pela mesma saca de café que um dia a trouxe esperança de uma nova vida. A mesma saca de café com que Maria um dia tomou tanto cuidado. A mesma saca de café sobre a qual foi alertada. Ah Maria! Há uma parte de mim que ainda espera profundamente que tudo tenha sido obra do acaso.

Dessa vez foram pelos meus olhos pelos quais o oceano se derramou.

Envolvei Giulia em meus braços; suas roupas ainda tinham o cheiro de sua mãe. O pensamento de ter que explicar para uma simples e inocente criança o que havia acontecido com a mulher que a abraçara todos os dias de sua curta vida, era arrebatador. Talvez existam oceanos que precisem ser impedidos.

Levei a criança comigo, junto com as poucas peças de roupa que eu possuía, enquanto embarcava no primeiro trem para São Paulo. Giulia cresceu feliz; a amei como podia. Entretanto, eram seus grandes e lindos olhos que eternizaram sua mãe.

Os olhos de Giulia eram as janelas para a alma de Maria.

[ conto ]

## Uma pequena lição

---

Lucas Alves Nascimento

[ 9º ano ]

No dia 19 de outubro de 1882 nasce Enzo Miguel da Silva Castro. Com seus 13 anos, já tinha começado a trabalhar com seu pai, exportando as sacas de café para o exterior no Porto de Santos. A vida em sua casa não era tão boa, questões financeiras e tudo mais, no seu trabalho ele não ganhava nenhuma merreca só ajudava o pai que também não ganhava muita coisa. Enzo tinha que sustentar sua mãe com câncer e sua irmã.

Após 9 anos, ainda com sua situação financeira ruim, Enzo faria de tudo para melhorar isso, então num dia comum de trabalho sabendo que sua condição não era boa, decide roubar uma das sacas de café, mas estava com muito medo, porque dois anos antes tinha acontecido um roubo e quando o assaltante foi pego ninguém ouviu mais falar dele. Mas Enzo não ligou para isso, então precisou bolar um plano. O plano era o seguinte, pegar a última saca que ia ser entregue no navio e quando ninguém estivesse vendo levá-la para casa, então fez o que tinha dito, pegou a saca de café e levou para casa sem que ninguém visse. No dia seguinte não foi para o trabalho, falou para seu pai que estava doente, quando seu pai saiu de casa para o trabalho, Enzo foi de fininho para a porta de casa com sua saca de café para vender na rua. Naquela época o café era muito valorizado, o preço era bem alto, então Enzo dividiu o café e vendeu em partes, 50g R\$ 10, 100g R\$ 20, 150g R\$ 30, e assim por diante. Nesse dia Enzo conseguiu voltar para casa

bem feliz, mas ainda com um peso na consciência de ter roubado, vendeu a saca inteira que tinha pego, faturou 500 reais, naqueles tempos isso era bastante dinheiro.

No dia seguinte, quando estava indo ao trabalho, Enzo percebeu um clima meio estranho; os trabalhadores pareciam normais, mas os seguranças do local estavam bem estranhos, parecia que faziam um monitoramento bem rígido tipo uma investigação. Então Enzo achou melhor não roubar uma das sacas naquele dia, mas não só por isso, ele também estava se sentindo muito mal por ter roubado. Decidiu esperar algumas semanas para pegar outra saca. Após 3 semanas, foi para seu trabalho e utilizou o mesmo plano para roubar uma saca, mas foi surpreendido quando estava indo embora com o café; um segurança pegou Enzo e o levou para o dono dos cafés.

Quando chegou naquele lugar Enzo estava com muito medo, era algum tipo de cativo debaixo da terra. Enzo ficava pensativo tentando descobrir o que iam fazer com ele, se ele nunca mais ia conseguir ver o sol... Passado um curto período de tempo, Enzo foi levado para a sala de Jorge, o dono dos cafés. Lá Jorge perguntou para Enzo:

— Onde está a saca que você me roubou?

Ele tinha um sotaque meio estranho, mas Enzo respondeu:

— Eu vendi.

— E cadê o dinheiro?

— Está aqui no meu bolso.

Até que Jorge estava meio calmo. Pelo menos era o que parecia, antes dele falar.

— Agora, como punição, você vai ficar aqui por 1 ano recebendo tudo do pior, até quando eu achar que você aprendeu a lição.

E assim Enzo Miguel da Silva Castro fica lá por no mínimo 1 ano sem ninguém receber notícias.

É, meus amigos, que isso fique como uma pequena lição do que não fazer.

[ conto ]

## Através do olhar social

---

Violeta Luz Souza Spinola

[ 9º ano ]

E lá estava eu, assim como fazia todos os dias da semana, caminhando rumo a minha casa. Era um bom lugar para se morar, assumo, considerando que o ano era de 1926, caso não esteja enganada, e acima de tudo, se localizava em Santos.

Eu estava voltando do trabalho, percorrendo o caminho de sempre. Ainda me recordo de papai fazendo trabalhos manuais para a funcionalidade dos bondinhos. De vez em quando me levava para passar o dia por lá, eu até gostava, pois não o via com tanta frequência, considerando que ele passava o dia inteiro nessa função. Lá em casa éramos três; eu, desde sempre a irmã mais velha, Agnes Cesarini. Meu irmão, Jonas Cesarini, poucos anos mais novo que eu. E meu pai, Cesar Cesarini. Perdemos a mamãe bem cedo, me lembro pouco de seu semblante, mas não acho que seja relevante entrar nesse assunto por agora.

Posso dizer que em Santos não se encontra emprego com muita facilidade, por isso vi como a possibilidade mais plausível seguir o mesmo rumo que meu pai. A segunda possibilidade era me casar, mas isso estava fora de cogitação, era o menor de meus interesses naquele momento.

Havia quase vinte anos que eu e Jonas tínhamos desenvolvido os bondes elétricos, essa é uma data que nunca vou esquecer, 28 de abril de 1909, foi quando inauguramos esse novo mecanismo. Ganhamos muito dinheiro na época, foi o que fez nossa qualidade de vida mudar absurdamente, por isso que temos

uma boa casa e tal. Meu irmão ganhou muito mais reconhecimento e dinheiro do que eu, o que não faz muito sentido, já que se pararmos para olhar, posso afirmar que fiz mais coisas do que ele. Isso no fim não teve grande impacto, já que morávamos juntos, mas foi um tanto injusto mesmo assim.

Já tínhamos estado melhor, em questão financeira, pois depois de mais de quinze anos, todo mundo já tinha se acostumado com a ideia de bondes elétricos. Nem um cargo tão bom nós tínhamos mais, mas conseguíamos manter uma boa vida, mesmo assim.

Nosso horário de trabalho não era o mesmo, então quando cheguei em casa naquele dia, Jonas estava sentado em sua poltrona lendo o jornal do dia, como de costume. Já sua expressão não estava sendo tão esperada assim. Ele estava assustado com o que lia, parecia impressionado e até com um pouco de medo. Mesmo notando isso, preferi ignorar o fato e o cumprimentei assim como fazia todos os dias. “Agnes, você leu o jornal hoje mais cedo?”, ele me perguntou, transferindo seu olhar que estava no jornal, agora para mim. “Eu não tenho esse costume, você sabe disso. Por quê? Tem algo que eu deva saber?”, eu respondi indo em direção à torneira, com o intuito de lavar minha mão, que não estava tão limpa depois de um dia de serviço. “Se você considerar que aqui diz que os ônibus chegaram em Santos, e o proprietário dos bondinhos pretende demitir mais da metade de seus funcionários, pois prevê a queda de audiência, sim, tem algo que você deve saber.” eu nunca tinha andado em um ônibus, havia ouvido uma vez ou outra sobre o tal, e tinha pouco conhecimento a respeito. Eu não lembro da minha reação exata no momento, mas sei que não tive tanta preocupação quanto Jonas.

O dia terminou como o esperado, eu preferi não desenvolver muito o assunto do jornal, pois estava cansada e não queria nada a mais do que tomar um banho e descansar para o dia seguinte.

Fora um comunicado inicial no trabalho, a semana ocorreu normalmente. Acompanhamos algumas demissões durante os dias, o que teve um impacto emocional para mim, mas nada muito além. Eu, sinceramente, achava que por nós termos revolucionado todo esse sistema, não seríamos cogitados a demissão.

Jonas trabalhava pelo período da manhã, e eu no horário seguinte, passava a tarde por lá, então só nos víamos à noite. Me lembro que era uma sexta-feira, quando cheguei em casa mais cedo depois de ter recebido a pior notícia, que de certa forma era esperada. Só não voltei chorando porque minha raiva era maior, eu lembro bem da angústia que senti ao escutar que havia sido demitida, eu não conseguia acreditar. Cheguei em casa esperando a presença do meu irmão, mas nesse dia não o vi por lá quando abri a porta. Eu não estava com energia pra pensar onde ele poderia estar, então nem gastei meu tempo com isso. Não fiz nada de importante naquela tarde, estava sem condições. Fiquei rondando pela casa perdida em meus pensamentos, não sabia como ia ser dali pra frente.

Já era quase de noite quando Jonas chegou em casa “Agnes? O que você está fazendo em casa uma hora dessas? Te liberaram mais cedo?”, ele me perguntou num tom surpreso: “Onde é que você estava, hein? Imaginei que você fosse ficar em casa hoje”, falei ignorando-o completamente, “uns amigos

do trabalho me chamaram de última hora para dar uma passeada pela cidade, você não vê problema nisso, certo?” Juro que fiquei indignada quando ele me respondeu: “passear? Quem deveria ver problema nisso é você, não eu! Como você consegue lidar dessa forma depois de ser demitido?” respondi não muito contente: "do que você está falando? Eu não fui demitido coisa nenhuma". Achei um tanto esquisito ouvir isso "Ah, você ainda não recebeu a notícia, né? Não fique surpreso quando receber."

Eu esperei por dias ele chegar em casa mais cedo, triste por ter sido demitido, mas esperei demais, pois esse não chegou. Eu nunca consegui entender o porquê de apenas eu ter sido demitida, afinal, nós tínhamos a mesma influência. Sinceramente, isso só aumentou a minha raiva, e sei que deveria ter ficado feliz por ele, mas não consegui.

[ conto ]

## Duas semanas

---

Emilly Oliveira de Sousa

[ 9º ano ]

Acordar com esse barulho do mar, me faz esquecer que esse é o meu último dia aqui, até agora estar aqui cumpriu a função que eu queria; esquecer. Esquecer de tudo, do meu passado, da briga e tudo mais. Confesso que estar aqui está me distraíndo muito e isso é bom pra mim no momento.

O "hotel" é bom, se chama Cefas (seja lá o que isso signifique) e as pessoas são bem acolhedoras por aqui; porque elas são religiosas, eu acho; estava precisando de gente assim à minha volta, quando falo "gente assim" me refiro aos velhos, aqui tem vários. E hoje haverá vários deles, estou indo para um asilo "Residência Luz dos Anjos", belo nome; Marisa (uma amiga distante, mas que recentemente voltou a falar comigo) ama idosos, eu não acho nada demais, são pessoas velhas sozinhas que sempre estão reclamando, tão teimosos. Mas ela falou que seria bom para o meu recomeço, falar com pessoas experientes e de quebra fazer uma caridade, estou tendo que pagar 200 reais só para entrar.

Chegando lá, uma decepção, principalmente era perto do Porto, ou seja, fedida e muito; na hora deu uma vontade enorme de desistir, mas foram 200 reais é eu não ia desperdiçar, então entrei. No jardim duas senhoras cantando uma música chata, que grudada na mente, algo sobre a feiticeira do mar, não entendi muito bem, confesso, mas não dei atenção, não era o meu objetivo, então fui até a entrada onde um senhor estava me esperando. Quando entrei ele me recebeu com um abraço, achei estranho, mas todos estavam recebendo um, então achei meio normal. Ele logo se apresentou e estava animado; se

chamava Tobias. Quando foi perguntar meu nome seus olhos estavam brilhando de interesse pra saber, falei sem emoção alguma "Evellin", mas mesmo assim ele sorriu e fomos para o "tour" pela casa, nada demais para um asilo. Na verdade não foi no tour que eu me concentrei, mas sim no jeito de falar dele sobre o lugar e a cidade, tudo parecia tão incrível, entretanto eu tinha visto a cidade, estou aqui há uma semana tirando a praia e o Monte Serrat, nada de lá era tão incrível, então eu realmente não entendi.

Em uma certa parte tive que cortar a fala dele, além de não prestar atenção precisava de ajuda. Depois de uma breve análise minha nada profissional e influência de um amigo nada confiável, tive a impressão de que uma pessoa imparcial o suficiente e sábia o bastante para talvez me ajudar na minha necessidade angustiante.

Ele não parecia surpreso com a interrupção, acho que pela minha cara, devia imaginar. Comecei a falar uma coisa que estava adiando e tentando esquecer há uma semana, falar disso era triste; mas estava me consumindo; não falar, não pensar e não agir era bem pior. Ele disse que estava pronto, mas precisava saber o que tinha acontecido e pediu para parar de enrolar, fiquei surpresa pelo seu interesse imediato, fazendo ele parecer outra pessoa.

Então comecei: "duas semanas atrás tive uma briga feia, a pior que já pude ter com a minha mãe; nós gritamos, choramos e no final não resolvemos, não falei mais com ela e, depois de cinco dias, ela faleceu. Não tive como me despedir e muito menos me desculpar, ela foi atropelada por estar mexendo no celular, tentando me ligar, e eu não atendi."

Tobias não perdeu o brilho no olhar, mesmo depois de ter contado isso; ele riu, não falou nada; mas riu. Eu perguntei o que eu podia fazer, um conselho, uma ajuda e nada ele continuou sem dar explicação, meu cérebro parou por um segundo, não sabia o que pensar, não sabia o que estava acontecendo. Acho que era só isso... não havia respostas, ele falou boa sorte e foi embora, era tudo que eu não esperava, pelo menos não dele, não entendo e nem acreditei, não tinha expressão pra isso, então saí.

E chegando no mar percebi que realmente não tinha o que fazer; ela se foi, meu sofrimento e minhas desculpas não vão mudar nada agora, minha súplica não faz mais sentido, já era tarde demais ela não vai mais escutar o meu perdão. Deixar as ondas do mar levarem o passado e voltarem com um recomeço era a única opção...

Na verdade só me resta uma coisa a fazer: superar, de um jeito bom ou ruim, mas superar.

[ conto ]

## Noite

---

Yuri Nakamoto Campanário

[ 9º ano ]

Naquela noite em que ela me deixou, no centro de Santos, foi um dos piores dias da minha vida.

Depois que ela se foi ainda fiquei umas três horas tentando entender o que tinha acontecido, e ainda com alguma esperança de que ela iria voltar.

Depois de algumas garrafas o cara que estava me atendendo resolveu me perguntar o que tinha acontecido comigo. Ficamos um bom tempo conversando, ele até que era bem simpático, um dos menos caóticos daquele boteco. Ainda lembro daquela pinta enorme que ele tinha na testa. O papo fluiu tanto que ele estava até me dando algumas bebidas de graça.

Até chegar o velho do patrão dele. Sinceramente, ele tinha uma das maiores barrigas que eu já vi na minha vida. Ele era todo peludo e tinha um bigode muito grosso. Parecia aqueles mafiosos mexicanos, que usam aqueles óculos redondos e aquelas camisas de botão semiabertas, com o peito todo de fora. E é claro uma corrente de ouro que devia pesar uns dois quilos.

Só pela pinta do chefe e pelo clima do lugar dava para perceber que se tratava de lavagem de dinheiro. Paguei minha conta e meti o pé.

Continuei caminhando ao lado do canal dois até a praia, demorei um pouco, não estava muito equilibrado depois de beber tanto. Quase fui atropelado por um ciclista na orla da praia, lembro que ele

estava muito rápido e com a música no volume máximo, xinguei ele tanto que ele parou e veio na minha direção, naquele momento eu jurei que ele iria sacar uma arma e me matar. Mas nos dois só ficamos brigando que nem duas crianças, até chegar uma vendedora ambulante que nos separou.

Vendia suas artes e bijuterias expostas na sua bancada na calçada da orla. Seu nome era Helaine, comecei a puxar assunto para ver se rendia alguma coisa: “que pulseiras lindas, só não são mais lindas que você. Quanto estão?”.

“Você parece ser bem novo, quantos anos você tem amor?” – perguntou ela.

“20” – respondi.

Ela me deu um sorriso e em seguida me perguntou: “você está meio estranho, bebeu?”

“Só um pouco” – respondi.

“Eu tenho um chá lá em casa que ajuda na ressaca, vamos pra lá?” – disse ela.

A casa dela era bem estranha, não tinha muitos móveis e fedia a mofo, ficamos lá no quarto dela onde só avia um colchão largado bem no meio. Não lembro muito do que aconteceu depois, só acordei no outro dia trancado lá, sem ter como sair. Ontem foi a primeira vez que eu saí de lá desde aquele dia.

[ conto ]

## O comércio na Baixada

---

Pedro Achcar Cardoso

[ 1ª série ]

Foi no dia 26 de dezembro de 2019, por volta das 15h da tarde, que JV foi preso, o maior fabricante e vendedor de camisas falsificadas do Brasil. O criminoso foi preso perante o art. 190, da Lei nº 9.279/96, que diz: comete crime contra registro de marca quem importa, exporta, vende, oferece ou expõe à venda, oculta ou tem em estoque: I – produto assinalado com marca ilicitamente reproduzida ou imitada, de outrem, no todo ou em parte.

Quando foi flagrado, estava na região portuária de Santos (o lugar em que mais lucrava com suas vendas), vendendo suas mercadorias para dois de seus maiores compradores: Dimitrov, um homem fino, bem-vestido, muito perfumando, sem dúvida seu maior freguês, comprava toda semana uma peça nova, mas não era qualquer uma, ele sempre comprava uma camisa do Santos. O outro, Krüger, um homem um pouco mais despojado, mas não deixava de manter sua classe.

JV sempre dizia aos dois: "se um dia eu não estiver mais aqui, vocês vão tomar meu negócio". Dito e feito, quando JV foi preso o Brasil todo foi noticiado do acontecimento, e então Dimitrov e Küger já sabiam o que fazer, seria uma longa e dura caminhada, até que JV voltasse às ruas santistas.

Logo no dia seguinte da apreensão, eles já estavam nas ruas conduzindo seus negócios. Nos primeiros dias todos que passavam por lá estranharam a ausência de JV. Em poucas semanas os dois já estavam acostumados com o novo trabalho e com a freguesia.

Eles tocaram os negócios até o dia 17 de outubro de 2022, foi quando foi anunciada a volta de JV às ruas, já tinha cumprido sua pena na cadeia e voltava mais forte como nunca para tocar suas transações por Santos à fora.

Dimitrov e Küger tinham ganhado muito dinheiro nesse tempo de ausência de JV, com a grana, decidiram começar a exportar as mercadorias para fora do Brasil, fazendo com que ganhassem o triplo de reconhecimento, e conseqüentemente o triplo de dinheiro.

Os dois viraram os maiores exportadores de réplicas no mundo. Por conta dessa imensa fama, começaram a ser procurados pela polícia em todo o Brasil. Até que o inesperado aconteceu, os dois foram apreendidos, causando um choque imenso no mundo, mas como JV ainda precisava retribuir de uma forma os dois parceiros, e então o resto vocês já sabem.

[ conto ]

## Tragédia e Amor

---

Nina da Silva Lima

[ 9º ano ]

Bom, em 2022, exatamente em 17 de outubro deste ano, aconteceu uma viagem. Vou falar desde o início, Oto tem 15 anos, atualmente mora em São Paulo, mas nem sempre foi assim, ele morava em Santos desde pequeno, ele sempre foi feliz ali. Os seus melhores momentos foi ali, ali tem seus melhores sorrisos, abraços, carinhos, brincadeiras e talvez até o seu melhor choro, tudo isso porque ali tinha seu alicerce chamado Bia. Bia cresceu com Oto, nasceram com uma dia de diferença, suas famílias são amigas e não se desgrudam, já perderam a conta de cada momento vivido juntos. Bia e Oto tem exatamente 16 anos, são amigos, donos da amizade mais sincera que já vi até então, mas atualmente estão separados e se vendo pouco, pois pra ela São Paulo é longe de Santos (e é um pouquinho mesmo).

Mudar pra São Paulo nunca foi um desejo de Oto, mas a vida em Santos já não dava mais pros pais dele, o porto já estava cheio, não tinha emprego para todos e seu pai estava desempregado e estava à procura de trabalho e partiu daí a decisão de ir pra São Paulo. Sua mãe era meio submissa então aceitou fácil.

Já Oto não. Ele o odiou porque ficou com medo de perder aquilo que para ele é mais importante que tudo, a Bia.

Oto já não sabia o que fazer para convencer seu pai a ficar, então cansou e deu por satisfeito, ele só não sabia como contar para Bia. No dia da mudança pra São Paulo, Oto tomou coragem e decidiu contar tudo a Bia. Ele contou que ela ficou desesperada pois não estava pronta para perder o seu porto seguro, ficou mal, mas não tinha nada a ser feito naquele momento, Bia pediu para ele não ir, deu a ideia de eles fugirem, mas Oto não quis e preferiu ir logo e assim foi feito.

A vida em São Paulo para Oto não tinha graça.

A vida de Bia em Santos já não tinha nenhuma graça.

Consequentemente eles perderam o contato (coisa que me assusta, pois eu achei que a amizade era pra sempre... Bia aprendeu a se virar sem Oto, e começou a seguir sua vida [acho que ela está à procura de um amor]).

Oto está à procura do seu amor (já que já tinha perdido um).

Mas queria deixar uma observação aqui e levar pra vida de vocês, e acho que todo mundo devia saber que Amar é deixar ir.

Nem sempre o Amor Da sua Vida é o amor Pra Sua Vida.

Mas está voltando, onde eu parei? Ah, lembrei...

Enfim se passaram 5 anos, lá se encontra os dois com 21 anos, talvez o amadurecimento tenha chegado pros dois (espero).

Em Santos a vida de Bia só piorou pois arranjar trabalho ali era impossível e ela só pensava em viajar pra tentar a vida em um lugar que a gente conhece bem (eu conto ou vocês contam)...

Oto estava bem de vida, comprou uma moto e tudo se ajustou em SP.

Trabalho, faculdade, Casa, Relação com os pais estava tudo ok, só faltava uma coisa para tudo ficar completo (vocês sabem o que é)... Dia 17 de outubro Bia viajou, sua ida a SP foi tranquila, alugou um apartamento e estava a procura por um trabalho. Bia fez novas amizades, todas femininas, pois estava com trauma de se relacionar com um menino-homem mesmo que só na amizade. Bia se adaptou rápido com a vida em Sp. Todo fim de semana era festa nova, beijava muito, mas não sentia que era um lance duradouro com os caras [ela quer um amor de verdade e blá blá blá].

Igualzinha o Oto. Eles sentem a falta um do outro. Eu sei.

Oto já se perguntou se o seu amor por Bia era só amizade. E Bia também já se questionou se aquele amor por Oto era só amizade.

Mas os dois ficam de muita fuleragem.

Mas posso contar o desfecho disso?!...

O destino os uniu de novo, ele sempre une o que é inseparável, eles são um só mas eles não sabiam ainda. Tudo o que é pra ser, confia que vai ser – e se não ser a gente obriga...

Mas voltando ao amor, acho que todos nós temos que amar, pra uns o amor é uma loucura, mas saibam que há sempre um pouco de razão na loucura. O Oto amou, a Bia amou, no final machucou? Sim e

muito, mas esse amor está vivo! Na terra e principalmente dentro do Oto. E o amor da Bia demorou pra ser reconhecido, mas foi vivido e agora ela ama de longe – mas ama!

Talvez esse amor tenha sido o mais puro, e o mais burro que eu conheço, mas é real, porque foi vivido e foi de verdade. O Oto sabe. Ele sente. Ele reconhece.

Acho que isso é o amor. Isso foi amor pro Oto e pra Bia.

Acho que chegou a hora de finalizar, deixo aqui em nome do amor de Oto e de Bia uma lição em forma de Frase de Albert Camus.

*Amo ou venero poucas pessoas. Por todo o resto, tenho vergonha da minha indiferença. Mas aqueles que amo, nada jamais conseguirá fazer com que eu deixe de amá-los, nem eu próprio e principalmente nem eles mesmos.*

[ conto ]

## Olhos de gato

---

Heloísa Cipola Nyari

[ 9º ano ]

Eu caminhava pelos telhados das fachadas antigas, até o porto, até a praia, por cima dos museus, restaurantes, bares, até o bonde e o funicular. Caminhava pelos trilhos sem dificuldade, às vezes conseguia subir em navios menores sem que me vissem, ia à São Vicente de quando em quando e até pisava na areia e molhava as patas no mar sem surpresa alguma. Eu era um explorador, apesar de ter minha casa junto a dois senhores muito amorosos num bistrô de esquina verde, em Santos. Eu conhecia apenas aquela ilha, mas inteirinha, já havia passeado por ela de ponta a ponta e observado muitas coisas, eu agradecia todos os dias por não ser mais um desses humanos, afinal era incrível ser eu. Preto, de olhos verdes e pelo macio, que podia andar tranquilo e ver de tudo sabendo que nada daquilo era comigo. Confesso que às vezes, parado em um telhado ou outro, me sentia um pouco triste, porque era isso que aquela cidade mais me passava: tristeza. Se pudesse conhecer e morar em outros lugares, moraria. Mas não posso, então só me resta aproveitar o que tenho de bom por aqui: um lugar para comer e dormir quentinho. Morei na rua durante alguns anos da minha vida e fui adotado assim que meus pais chegaram aqui.

Sei que ainda sou novo, e por um lado às vezes penso que já vivi tudo o que poderia ter vivido, já que nada mais me surpreende por completo ou me desafia verdadeiramente, acho que um pouco por isso sinto a cidade com monotonia e desinteresse, apesar de ser extremamente movimentada. Não acho isso

de todo ruim, pois por outro lado, posso descansar tanto quanto meu corpo necessita, mas mesmo assim, às vezes sinto-me desanimado.

Mas no início de uma madrugada, resolvi sair de casa para passear, e de telha em telha fui entrando em ruas, becos, vielas em que já não entrava há algum tempo. Fui sentindo o vento úmido e estava tranquilo à luz da lua, quando, de repente, passos apressados me chamaram atenção. Como tudo estava quase que bem silencioso, aquele som se destacava bastante. Era uma menina, já crescida, que vinha vindo da área portuária, a única parte da cidade que ainda não tinha encerrado sua movimentação, em direção a uma rua de casas próxima. Logo atrás dela havia um homem, que procurava não se fazer notar, caminhar discreto e movimentos cuidadosos, andava pelas sombras, assim como eu. Normalmente quando me comporto assim, ou tenho medo, ou estou caçando, me escondendo antes de atacar.

Assim, aqueles dois continuaram seus percursos separados por mais alguns segundos, até que o homem disparou em direção à menina e a colocou contra a parede, deixando-a claramente muito assustada. Ela falava alto e se debatia, mas ele a havia prendido e fazia sinais para que ela ficasse em silêncio, colocando a mão em sua boca. Ela ainda conseguiu gritar algumas vezes, o que me deixou com um tanto de medo, mas parou de repente, como se já não conseguisse mais. Seus gritos desapareceram na noite, não ecoaram e parecem não ter chamado a atenção de mais ninguém além de mim. O homem fazia movimentos bruscos que eu não entendia bem, e agora escorria água dos olhos da garota, muita, muita água, assim como já tinha visto diversas vezes acontecer com outros humanos, e sua respiração soava diferente. Poucos minutos depois, ele se separou dela, a largando encolhida num canto e se dirigiu à porta de uma casa, mas antes que ele pudesse abri-la, a menina ergueu forças e se transformou de tal modo que nunca havia visto, entrou na frente da porta, ela tinha raiva e agora berrava pra valer. Pegou sua bolsa e virou de cabeça pra baixo, deixando cair no chão um tanto de dinheiro. O homem a olhou por um segundo antes de recolher aquilo e sair correndo.

A garota então entrou naquela casa e trancou a porta, reapareceu de novo em um quarto de janela aberta que tinha uma luminária acesa clareando o rosto de outra menina, dessa vez pequena, que parecia ter acabado de acordar de um sono perturbado. A menina maior se deitou junto a ela, encolhida e tentando fazer com que toda aquela água que saía de seus olhos e já a molhava inteira desaparecesse.

A janela era baixa e não sei por que tive vontade de pular através dela e adentrar o quarto, a cama estava quentinha e me enrolei ali, no meio das duas até de manhã. Daí, sabia que precisava voltar para casa... mas essa lembrança jamais me escapou, foram tantos acontecimentos seguidos que não tive tempo de fugir, nunca ouvi gritos tão perturbadores como nesta noite. Já vi coisas nessa minha curta vida, que me parecem inexplicáveis, mas sinto que ninguém gostaria ver, sentir ou pensar... sei agora que mesmo certas coisas não sendo comigo eu também sinto, e não gosto de sentir isso de forma alguma.

[ conto ]

## Alice Vellonur

---

Luiza Lanfranchi Vaz Djurovic

[ 9º ano ]

Naquele fim de tarde cinzento da segunda-feira, 3 de novembro de 1998, Alice Vellonur acabava de fechar o Museu do café, onde trabalhava. Chegou em seu apartamento de vista para o porto, e havia uma carta enviada do Rio de Janeiro de seu irmão Eduardo, relatando que seu primo Carlo está no hospital. Havia duas páginas com trinta ou trinta e cinco linhas ocupando as folhas explicando o ocorrido. Carlo estava em um bar em uma sexta-feira à noite por volta das 21 horas; estava muito bêbado, mas não ao ponto de vomitar, e sim de estar muito feliz. Tentou beijar um homem no qual estava no bar, mas o mesmo era policial e o socou muito.

Alice deixou a carta cair, não sabia se sentia raiva, ódio, tristeza, medo, mas era tudo misturado... Estava com dor de cabeça, não conseguia raciocinar direito, estava frio e naquele momento escutou o senhor Rubens Gleeto que passava na rua de seu prédio fazendo o último tour de reboquinho do dia, mas sua mente estava tão alvoroçada que não conseguia prestar atenção no que o homem dizia.

Na terça-feira Alice foi para seu trabalho, mas estava em estado de choque e principalmente com medo. Quando chegou no Museu sua chefe veio falar com ela sobre uma nova moça que iria trabalhar lá, se chamava Olívia Bueno e queria que Alice mostrasse como funciona lá dentro. Acabaram conversando e Alice se descontraíu um pouco, o que foi bom, mas acabou contando sobre o ocorrido de seu primo, e de

como ela estava com medo por também ser assim. Olivia entendeu seu medo, mas tinha mais medo de sua família pois eram extremamente tradicionais e sabia que nunca a aceitariam, mas que tinha atração por homens também.

No dia 5 de novembro Alice estava um pouco mais leve, foi para o trabalho e chamou Olivia para ir a um bar próximo de onde sai o reboquinho. Chegando lá pediram duas doses de Whisky com três pedras de gelo, ficaram uns 20 minutos conversando só que não era uma conversa apenas de amigas, estava mais para um encontro, e elas não percebiam isso mas quem estava vendo as duas de fora conseguiam perceber que ali tinha um clima.

Quando o senhor Rubens Gleeto entrou no bar, havia acabado seu turno do último reboquinho do dia, estava cansado e irritado. Avistou as duas moças e ficou desconfortável pois achava aquilo um absurdo, reclamou com barman, um moço mais jovem, devia ter lá seus 20 anos e disse que não expulsaria as moças só por isso. Então Rubens foi reclamar com Alice e Olivia, as mesmas ficaram com raiva e perguntaram às pessoas do bar se todos se sentiam daquela maneira, e ficaram todos quietos, mas sabiam que isso significava um sim. Então pagaram para o barman e foram embora cada uma para sua casa.

Passou-se um mês e meio após o ocorrido no bar, Alice e Olivia começaram a namorar, porém não anunciaram isso ou não mostraram para as pessoas que eram um casal, pois Olívia tinha medo de não ser aceita em sua família e Alice na sociedade. Escreveu uma carta a seu irmão relatando o que ocorrera, que estava namorando mas tinha medo, tanto ela quanto sua parceira, e que no dia do bar sentiu que só não ocorreu o mesmo com ela e seu primo por ela ser mulher, não sabia ao certo mas sabia que sempre haveria alguém a olhando de uma maneira como se ela não fosse certa, mas não sabia o que fazer para mudar isso, e não sabia se o problema estava nela ou nos outros, ou até mesmo nos dois. Mas apesar disso estava feliz por ter encontrado alguém.

[ poema ]

## Esta terra

---

Paulo Antonio da Silva Lima

[ 1ª série ]

Palavras consumidas se acumulam,  
não direi que essa cidade é tão maravilhosa como o Rio de Janeiro.  
Esses cheiros me sufocam e me acumulam,  
que vem dessas bocas metálicas que vão direto aos mares cinzentos e mortais.  
Bem-vindos à terra prometida de quilombo,  
Dona Maria, não fique animada,  
pois esta terra não é tão especial como dizem por aí...  
pois viviam povos originários que habitavam esta terra antigamente  
e cuidam dela com muito amor e carinho.  
O descobrimento foi, na verdade, uma invasão  
da terra dos índios e reza a história que os índios comeram o bispo Sardinha.

Mas como fizeram para abrir a lata?  
Já não aceito as coisas que não posso mudar,  
estou mudando as coisas que não posso aceitar,  
O homem de verdade mede sua força diante de um obstáculo.

[ conto ]

## O senhor borrachudo

---

Alan Camargo Goberstein

[ 1ª série ]

Eu não gosto de mosquitos, muito menos aqueles malditos borrachudos. Minha família inteira quis que eu me mudasse pra cá, “vem pra santos! Aqui tem praia e um ótimo clima, não há lugar melhor para a gente!” Bando de antas. Eu cresci em Minas e aos dezoito decidi seguir a palavra de meus tios e estudar jornalismo aqui; eu tinha o sonho de cada jovem como eu na época, ganhar muita grana e ter uma casa na praia, dois cachorros e um barco para passear no mar. O que ninguém me contou era como viviam a situação atual aqui, logo quando cheguei eu já senti a umidade na pele, grudando em cada movimento, o antebraço suado grudando em minha cintura, o suor escorrendo na testa oleosa, e aquele sol danado que não cansa de aparecer. Sem falar das malditas picadas de borrachudos, aqueles súditos do diabo que sugam seu sangue e deixam aquela bolha por cima, uma marca de seu caminho de destruição.

A cada dia eu sentia mais ódio por aqueles insetos nojentos, cada um deles, com suas duas asinhas grudentas e seu corpo preto que faz todo mundo achar que eles são uma pinta. Foi por volta da época que eu desisti da faculdade que comecei a fazer experimentos neles. Eu os prendia com uma pinça e arrancava cada pata deles, depois as asas, e, por fim, a cabeça. Eu adorava ver os movimentos estranhos deles cada vez que eu puxava um órgão, e eu gostava de imaginar o resto dos amiguinhos de meu borrachudo preso vendo ele ter a morte mais dolorosa e lenta possível. A ideia de fazer justiça com alguém que me

prejudicava tanto me trazia paz, por isso que eu os continuei torturando, mesmo que não tirasse minhas próprias picadas.

Porém eles ainda chegavam em casa todo dia, sugando meu sangue à noite e depois me comendo vivo enquanto eu trabalhava dirigindo minha catraia. O Carlos do boteco me dizia que, pra eu resolver algum problema, era necessário atacar as raízes dele, e não viver lutando contra os frutos, e os meus borrachudos eram os frutos. Foi numa tarde de domingo que eu comecei meu plano. Eu sempre vivia na dúvida de onde que os borrachudos iam depois do anoitecer, onde será que esses demônios dormiam, será numa toca ao fundo do mar? ou talvez lá embaixo da terra, onde eles torturam as almas presas no inferno. Mas eu não precisava formar ideias, pois eu descobriria hoje à noite. O plano era simples, ficar em minha catraia até anoitecer e observar os borrachudos, mas ao invés de capturá-los em um pote e trazer eles pra casa para eu começar meus experimentos, dessa vez eu somente iria observá-los e seguir eles até sua toca. O meu chefe nem desconfiaria, pois ele sabe que nesse horário não tem muito movimento e as pessoas mal pegam o transporte público, então o barco seria somente para mim. Depois que eu seguisse os borrachudos até sua casa, eu teria uma palavra com o chefe deles, cada trabalhador tem que ter seu chefe, né? Aposto que o senhor borrachudo é um homem muito forte para tomar conta desses demônios, ele deve ser como um general de guerra, ou um presidente! Um verdadeiro ser diferente, e se eu o matar, eu nunca mais terei que tomar uma picada pro resto da vida.

Já era madrugada e a lua iluminava a água ao meu redor, criando reflexos brancos e cinzas em sua superfície; era noite de lua cheia, Carlos me dizia que a lua cheia é um sinal de mudança, que a energia dela chegava na gente e deixava todo mundo corajoso. Eu não sei muito sobre coragem, mas eu sei que na lua cheia é bem mais fácil de ver os borrachudos, e eu precisava disso. Por volta da meia noite eu percebi que alguns estavam indo se retirar, então eu liguei o motor de minha catraia e segui um certo borrachudo curioso pelo mar. Nós passamos pelo porto, o monstro mecânico que não descansa nem à noite. Eu gostava de passar por lá nesse horário, pois era possível ver a luz dos capitães ainda acesas em suas cabines; às vezes dava até pra definir uma silhueta deles em seu quarto, e eu sempre me pensava se eles também tinham o mesmo problema que eu, será que eles também tomavam picadas de borrachudo? Será que eles tinham o mesmo ódio que eu por eles? Se eu ainda estivesse trabalhando em jornalismo eu com certeza teria feito um artigo sobre isso, eu faria um gráfico de barras comparando as respostas de entrevistas de cada um dos capitães que passam por aqui, colocando suas opiniões mais chocantes ao longo da margem do texto para chamar atenção. Aí o título seria algo bem chocante como: OS RICOS SOFREM COMO NÓS?, eu tenho certeza que isso teria vendido muito. Se eu não tivesse me mudado pra Santos, eu poderia ter feito a faculdade em outro lugar, talvez realmente ter arranjado um emprego que eu goste, e não ter que viver de migalhas como motorista de catraia, e principalmente eu nunca teria que ver um borrachudo na minha vida.

Eu estava no meio do mangue quando os borrachudos pararam, era no meio da noite e tudo que eu escutava eram os barulhos dos sapos e da água batendo nas raízes das árvores. Dentro do tronco de uma árvore era visível um leve brilho em que os borrachudos entravam. A árvore era imensa e sai fumaça lá de dentro como uma fábrica. Eu parei meu barco ao lado e entrei junto aos bichos nojentos, mas nenhum me picou; eu acho que eles estavam cansados de um longo dia de sugar o sangue de todos. Lá dentro havia vários buracos, um para cada borrachudo descansar e se reproduzir. As paredes eram forradas de sangue, tingindo o interior de um vermelho escuro e fosco, como se fosse pintura acrílica. A situação me lembrava da fábrica do Papai Noel que minha mãe contava quando eu era criança, vários duendezinhos trabalhando para um só gol abaixo do Papai Noel; eu nunca acreditava nisso, mas o Carlos podia jurar que ele existia. Conforme eu descia para baixo da terra dentro da árvore, eu dei de cara com uma pequena porta vermelha, como aquelas que tem um escritório, mas o que diferenciava essa porta de todas as outras era que essa era de tamanho humano, fazendo com que eu conseguisse passar por ela com facilidade, e depois vi um grande corredor ligando a uma sala de trono. Eu pensava que era nesse cômodo que eu ia me deparar com o lorde borrachudo, um ser incompreensível, um deus talvez, ou melhor, o Diabo em si, o pai de todas essas criaturas. Quando meus olhos se ajustaram à escuridão e eu vi o trono, mal podia acreditar no que estava diante de mim, lá estava um borrachudo como qualquer um, sentado em seu trono de tamanho humano bebendo sangue em uma taça de vinho.

— O que é que te traz aqui, senhor? – O Lorde borracha disse.

— Você que é o Senhor Borrachudo? – Eu perguntei.

— Eu mesmo, aposto que você está surpreso com minha aparência, né? Eu diria que você esperava um como você, um humano, ou talvez até algo maior, porém eu sou somente um borrachudo, como qualquer um de meus escravos, e também os que você já torturou.

— Mas como assim? Você não tem nenhuma característica diferente de seus súditos, o que diferencia você, um rei, de seus escravos?

— Eu poderia perguntar a mesma coisa para você, caro humano.

— Me poupe, a minha situação é completamente diferente, os que estão acima de mim existem porque eles já nasceram em condições diferentes, isso deixa eles superiores a mim!

— Mas meu ponto ainda prevalece, eles todos são humanos como você, claro que existem diferenças físicas como cor de pele e cor de cabelo entre vocês, mas vocês são o mesmo, todos humanos. Essa construção de sua sociedade não é nada mais que isso, uma mera construção, uma realidade falsa feita para os ricos sugarem o sangue dos pobres, do mesmo jeito que eu uso meus escravos para trazer sangue para mim; ninguém questiona, e eu fico aqui bebendo meu sangue enquanto os outros sofrem.

— Mas que horror, como eles aceitam essa desigualdade?

— Como você aceita essa desigualdade, humano?

— Eu tenho que aceitar isso pois é minha única opção...

— Mas e se eu dissesse que não era? Eu já vi seu ódio, e agora eu lhe dou a oportunidade de você virar uma arma, beba desse sangue, e torne-se um borrachudo como eu, você será livre e terá um simples propósito para o resto da sua curta vida, ou me mate agora com suas mãos. Não existirá mais borrachudos, mas você terá que voltar para sua vida miserável lá na cidade, um escravo pior do que meus borrachudos. Qual será sua escolha, humano, continuar vivendo em uma realidade sofrida, ou ser um simples borrachudo, livre para voar onde quiser e com um simples propósito de vida?

A última coisa que me lembro foi de beber o sangue e escutar a risada medonha do senhor borrachudo. Eu acordei ainda em minha catraia, já eram seis da manhã e meu chefe gritava comigo por ter dormido no trabalho. Ao passar a mão no pescoço eu senti um borrachudo que havia acabado de me picar, mas ao invés de matar ele com um tapa ou afogar ele, simplesmente deixei ele voar para o além, pois eu era somente um escravo como ele.

[ conto ]

## O dia em que os portêineres se aposentaram

---

Francisco Vianna Mendes Gori

[ 1ª série ]

Era apenas mais um dia nublado no porto de Santos. Navios de carga chegavam e partiam, containers eram movidos, camiões passavam, trabalhadores conversavam e suavam. Tudo estava indo normalmente até que um barulho ensurdecedor que parecia vir de todos os lados foi ouvido. Todos ouviram, até quem estava no alto da Serra do Mar. Era um som metálico, grave. O som se repetia. Eram os portêineres, ou guindastes de containers.

Aquelas estruturas colossais haviam se movido de forma inesperada, nunca antes vista. Estavam andando, como girafas, mas muito lentamente. Cada uma tinha o tamanho de um prédio de trinta andares, e pesava mais de 1500 toneladas. Seus passos faziam o chão tremer, destruíam completamente o que estava diretamente abaixo de suas "patas" (que eram enormes colunas de metal). Enquanto as criaturas iam em direção ao mar, as pessoas entravam em pânico e estavam imensamente confusas. Corriam para um lado e para o outro gritando. As que estavam trabalhando em cima dos portêineres caíam e se esborrachavam no chão. Finalmente, os guindastes, depois de horas andando para longe da cidade, se afundaram lentamente no mar, desaparecendo.

Dezenas de pessoas morreram e milhares se machucaram gravemente. Foi um evento trágico e completamente inexplicável. As empresas que construíram o portêineres foram processadas e faliram,

mesmo afirmando não terem nada a ver com o ocorrido. Em alguns meses, os portêineres foram reconstruídos e o porto voltou a funcionar normalmente. Ninguém sabe por que os portêineres foram embora, e onde exatamente eles estão agora, mas dizem que eles vivem nas partes mais profundas do oceano, andando lentamente sem rumo.

[ conto ]

## O portuário

---

Andrei M. Galery

[ 9º ano ]

Por dez anos carreguei safras e caixas, até a exaustão. A beleza da primavera se acaba quando olho para os calos em minha mão. Trabalho arduamente, com razão.

Carrego todo dia a mercadoria que alguns usam para enriquecer, enquanto vivo na miséria, com a escória da sociedade. Essa é a minha verdade, e a verdade de mais mil. Até quando isso vai durar no nosso país, Brasil?

Me matam, mas revivo. Vivo os dias entristecido, reviro os ossos pra trabalhar. Não durmo, não como, não quero acordar. Se for pra viver essa vida, pra que rezar? Dia após dia na exaustão, não espero mais salvação.

Queria ser poeta. Ver meu nome- Vinicius Tomé dos Santos- na capa dos livros que veneram. Meus dedos, escrevendo o mais belo dos contos.

Olharia para essas montanhas, descreveria sua beleza encantadora, mãe natureza. Contaria da pureza do ar, desenharia, na rosa, o mar. Detalhar cada verde no musgo dessas árvores. Contaria sobre a fala do povo, os louvores.

Na ponta do meu lápis: pombos rouxinóis, o calor de mil sóis, o suor de meus colegas. Cada chuva, cada inundação, cada reforma, cada resolução. A pobreza, a tristeza. No final do dia, na cozinha, não ter nem um pão.

Mas não me cabe um destino tão nobre. Nasci sujo, pobre. Meu olhar imundo do mundo não alcançará a elite empoleirada, não tenho a graça dos ricos de saber rimar. Pra que ler ou escrever, o que me serve é trabalhar.

E sigo gritando mudo. Meu único escudo, o balanço do mar.

Espio conversas alheias, devaneios sobre meios de fazer tudo mudar. Eu poderia ajudar a pensar, elaborar, mas meu verdadeiro destino está logo aqui, o mar.

Barcos, sereias e peixes, não são só de enfeite. Tudo tem seu propósito lá, seja comer, viver ou caçar. O azul infinito, sereno, alcançando o horizonte. Minha existência é pequena, não me comparo a esse brutamontes.

Mas sua voz chega aos meus ouvidos. O espírito marítimo, me explicando como, a ele, me juntar. Serei um com os peixes, um com o mar. Um com os feixes de luz refletidos nesse grande espelho, um com o suor diluído na água vulgar.

Sem sangue vermelho, quem irá me encontrar? Imagino um dia sem ter que me sacrificar. Meu nome esquecido na terra, mas a água irá se lembrar. Viverei para sempre abaixo do mar.

Vinícius Tomé dos Santos, compartilhando um nome com a cidade dos portos, poeta submarino, sua última safra carregará.

Café se compara a lixo, o dinheiro afoga a pureza do falar. Recito minha primeira, e última, prosa, e virarei poeta dentro do mar.

A safra pesa nas minhas mãos, o vento a me degolar. Um homem solitário, quem me impedirá? Embaixo das minhas roupas, uma âncora garanti. Escritor no azul infinito, finalmente poderei sorrir.

“Adeus infelicidade” – eu disse, antes de pular. Um estrondo ecoou após eu me lançar. Deixarei meu sofrimento aqui. Não sou mais Vinícius, agora meu nome é mar.

[ carta ]

3 de agosto

---

Marina de Oliveira Fernandes

[ 9º ano ]

*Carlos,*

*no dia 3 de agosto, eu te vi.*

*Eu havia acabado de sair de uma festa, por isso o sapato plataforma laranja, que, quando você viu, sorriu gentilmente.*

*Eu pego a catraia pra ir pro meu trabalho no "Orquidário Municipal de Santos" e pra voltar, volto com uma amiga mais isso não importa; não tenho coragem pra falar com você, mas eu me imagino um dia trocando palavras com você, queria que soubesse que a minha vontade de levantar do banco do catraia e, me apresentar decentemente pra você é grande! Mas eu só sei três coisas sobre você, no caso:*

A primeira coisa é o seu nome, que está escrito na sua camiseta, por conta do seu uniforme.

A segunda coisa é que a catraia número 9, a sua catraia, só sai depois que eu chegar, porque você sempre me espera, (pelo menos é o que eu escuto dos outros passageiros sussurrando que "você só sai depois que eu chego" ou que "eu sou muito atrasada").

E a terceira coisa é que eu amo você desde 3 de agosto.

Tem vezes que me pego imaginando que estamos em um jantar à luz de velas no meio do mar do porto, na sua catraia! É até engraçado porque nunca ouvi sua voz direito, ou sequer te disse meu nome, por conta dessa maldita vergonha e timidez que eu sinto.

Simplesmente acordo todos os dias, pensando em andar logo só pra poder te ver.

Enfim, são meses que eu estou criando coragem pra falar com você, mas como eu não tenho essa coragem, eu estou te escrevendo essa carta. Eu recebi uma proposta de emprego no Rio de Janeiro, que sinceramente irei aceitar, pra sair dessa cidade chata, úmida, e barulhenta, por conta desses navios e carros, vou partir pra lá amanhã de manhã, lá pelas 7h e 15 no Terminal Rodoviário de Santos, estarei de sapato plataforma laranja.

Gostaria de te ver, uma última vez pelo menos...

E, por último, se eu puder dizer uma última coisa aqui, é que Eu Amo Você, Carlos!

Ass: Simone

[ conto ]

## Nervosia da Baixada

---

Francisco Gonçalves Côrtes

[ 1ª série ]

Pensa quanto de droga cabe em um container, muita, pense quantos containers cabe dentro de um cargueiro? Mais ou menos 20 mil, agora faz as contas pensando que mesmo sendo menos de 16% da carga total, ainda é muita coisa.

Realmente se você pensar, é mais arriscado, mais demorado, e com certeza mais trabalhoso, mas a quantidade de maconha, por exemplo, apreendida em um navio de uma vez só é perto de 200 kg, dá pra alucinar umas três gerações, então o lucro quando uma viagem se completa por inteira até chegar na pessoa que vai passar pros traficantes passarem para as outras pessoas, para passarem para as outras e assim vai, deve ser bizarra.

WL da Baixada, homem, completou o 9-ano e abandonou a escola porque já estava fazendo mais dinheiro com tráfico do que toda sua família junta fez com trabalhos ordinários a vida toda, hoje se encontra como o 03, braço esquerdo e grande amigo de Cleber de oliveira (dono da porra toda).

WL já está nesse cargo de levar e transportar do porto de Santos até a base do Cléber faz anos, sempre o foi o melhor no que fez, mas não pense que por isso seja uma função fácil, na verdade é umas das mais perigosas e minuciosas de se fazer em todo processo desde a plantação até o baseado aceso na boca de algum indivíduo prestes a chapar a cabeça e nem fazer ideia que provavelmente aquela maconha

já passou mais aperto e nervosismo que ele na vida inteira, o trabalho que WL faz é o cara que se der qualquer coisinha errado vai ter que negociar com a polícia, com os portuários, ou até mesmo com o capitão do barco, é, ele é bem importante, não desmereça WL da baixada só por causa de um nome ridículo dado pois era um MC de funk no seu 7º ano de escola.

Mesmo sempre tendo sonhado em virar cantor de funk, hoje ele vê que foi predestinado a outra coisa, ele fala que foi deus, nem todos acham isso, ainda vai demorar pra ele pensar nisso, por enquanto acordar 5 da manhã em São Paulo, dirigir no seu carro zero até Santos com seus dois capangas não calando a boca de nervosos, e esperar o navio chegar com a carga, é mais importante do que filosofar sobre a vida ser ou não ser eis a questão.

O navio por volta de 8:20 da manhã é avistado na imensidão do mar, imediatamente comunica seu chefe, Cleber, que fala pra WL já contatar o caminhoneiro que levará o container até Jabaquara, conforme o navio chega, a ansiedade só aumenta, hoje, tem cachorros farejadores no porto, coisa que ontem não tinha, será que eles já esperavam WL chegar? Será que está bem embalado? Será que os policiais vão aceitar a apelação? Será que Deus ouviu minha oração? São poucos dos muitos pensamentos que correm pela cabeça dos três capangas naquela hora, um deles já quer ir no banheiro, o outro tá tremendo, WL? Frio e calmo, por fora ele é um dono de empresa esperando seus produtos chegarem, por dentro... não é muito diferente disso.

O navio encosta e começa a tirar aquelas centenas e milhares de containers de dentro, não sei se sou só eu, mas tenho muita curiosidade de pensar o que aquele tanto de coisa que está indo pra um bocado de lugar, pra milhares e milhares de pessoas no mínimo pro país inteiro, não sei se é loucura pensar isso, mas que é curioso é sim.

Se tivesse espaço pra pensar alguma curiosidade de relevância duvidosa na cabeça de WL até seria bom para ele descontraí-lo minimamente, mas ali não cabe nem mais um sopro, imagina ter que cuidar do caminhoneiro chegando, as cargas desembarcando do navio, os cachorros farejadores que acordaram com vontade de achar uma droga hoje, o Cleber perguntando a cada 5 minutos como tá a situação aqui, lidar com os juvenis dos capangas tremendo de nervosos e ainda ter que pensar em curiosidade de gente desocupada? Não rola pra ele.

WL sempre foi muito sério, por isso é tão bom no que faz, se tem uma missão pra fazer ele vai terminar custe o que custar, literalmente, se for necessário, ele carrega um 38 de pente carregado na cintura, não que ele goste de usá-la, pois usou na vida toda uma vez só, e carrega traumas pesados até hoje, não gosta que violência seja usada se não for extremamente necessário, mas quando invoca um pequeno menino nervoso que apanhava quase todo dia do pai embriagado, que sempre sofreu bullying na escola por sempre sonhar mais alto que o topo do Monte Everest, que seu sonho de virar cantor foi manchado pelo fato de ele já ter uma carreira com um trabalho consolidado muito bem remunerado pelo risco que ele corre, tudo isso aos somente 24 anos, realmente é mais dinheiro do que cofre.

Navio chega, suborno é consolidado, a carga é colocada no caminhão, rota trajada sem nenhuma interrupção é posta por WL, que agora está com uma sensação de alívio mas sabe que seu trabalho está longe de acabar, alias não só seu trabalho de hoje, mas na vida, ele não sabe se toda vez que ele conclui sua tarefa e seu chefe e companheiros o-elogiam, e todo o dinheiro cai em sua conta, não sabe se fica feliz, porque sabe que ele tá mais consolidado no trabalho, e que sabe que provavelmente o único jeito de sair dali, é usando a tal da violência nem um pouco esperada para WL.

[ conto ]

## O conto da catraia assombrada

---

Pedro Guilherme Abrahão

[ 1ª série ]

Em Santos, numa madrugada nublada e cinzenta, em 1906, um industrial com o nome de Hector foi negociar com um barqueiro com o nome de Fred, a ponto de tentarem chegar a um acordo para que Fred pudesse abrir mão do seu barco e trabalhar nas embarcações. Por mais que Fred diga não o tempo todo, dizendo que sua vida de barqueiro valia muito a pena por sempre ter passageiros curiosos com a qual interagia e fazia amizade, o Hector insistia, dando melhores ofertas para que, enfim, o Fred consentisse e ganhasse o contrato, abandonando seu antigo emprego e sua catraia. Com o passar do tempo, Fred foi trabalhar nas embarcações como carregador de produtos. Hector ganhou um novo carregador para seus negócios. Mas o que Hector não sabia (o que na verdade, ninguém sabia) é que a catraia e o Fred tinham história juntos. A catraia esteve com o barqueiro desde que ele era criança e construiu sua própria catraia. Por algum motivo, a catraia vivia triste com o abandono do seu antigo dono que havia construído. E com o passar do tempo, em 1916, o Fred faleceu e nunca voltou para sua catraia, deixando ela abandonada. Alguns anos depois, uns dois barqueiros decidiram tentar navegar na catraia abandonada, pois não tinha-se mais catraias para comprar e materiais para construir uma. Eles tentaram navegar nela para ver se ela valia a pena. E depois de utilizada, ambos os barqueiros, que eram ambos muito egoístas e gananciosos, brigaram para ver quem ia ficar com a catraia. Tentaram chegar a um acordo,

mas ambos não concordaram. Houve muito grito naquela noite, porque ambos estavam brigando. Ambos esmurramaram um ao outro, deram pontapés, deram empurrões, tabefes, socos... Os dois barqueiros, depois de muito brigar, perceberam uma coisa estranha. A catraia, sem motivo nenhum, foi ligada, como se alguém tivesse ligado. Mas quem? Ninguém estava nas docas a não ser os dois barqueiros. Mas as coisas ficaram cada vez mais estranhas quando a catraia foi se mexendo sozinha. Esta catraia foi manobrada por alguma coisa. Os dois barqueiros não sabiam quem estava mexendo. Se não eram ambos, era que pessoa? Esse era o problema: não tinha ninguém na catraia além dos dois. Quando chegaram no mar aberto, tiveram uma terrível surpresa: quem estava usando o barco era o Fred, o antigo dono. Ambos se beliscaram para ver se estavam realmente vendo um fantasma, e depois se convenceram que isso era real. O Fred pilotava a catraia e não estava contente com os intrusos que queriam tomar a sua catraia para eles. Então, antes de fazer um último movimento, Fred disse uma frase para ambos: "Não vão separar a minha catraia de mim. Esperei muito tempo para revê-la e não deixarei ninguém separá-la de mim novamente." Ambos pediram muito e imploraram para terem suas vidas poupadas. Fred, então, disse que, se quiserem viver, que não voltem a usar a catraia e que ninguém saiba dessa catraia a respeito. Os dois barqueiros, com suas vidas poupadas, esconderam a catraia em um canto onde ninguém iria ver durante a noite e o dia. Nesse tempo, quando todos dormem, muita gente diz que o Fred transporta os mortos naquela catraia. Outros dizem que ele pilota que nem uma criança na sua catraia, pelo simples fato de não tê-la visto nos seus últimos anos. E se eu sei o que aconteceu, não é porque os dois barqueiros me contaram. Isso é só o que ouvi falar. Não sei se isso é real. É só o que muita gente conta. E essa história que eu contei é o que todas as pessoas contam.

[ cena ]

## Portuário

---

Alan, Andrei, David, João, Justo, Tom, Yuri e Liz

[ 9º ano e 1ª série ]

### PERSONAGENS

Vinicius Tomé dos Santos (suicida)

Kleiton da Silva (narrador)

João Pereira (mendigo estagiário)

Josefina Pereira (mendiga profissional)

Jéssica Pereira (mendiga experiente)

## Cena de suicídio

*O cenário é um porto, barcos e corpos de água visíveis, além de trabalhadores. Kleiton da Silva se encontra no meio da cena, iluminação bem nele, barulhos de barco e porto, cheiro de porto (peixe) se quiser.*

### **Kleiton**

Em um belo dia, andando pelo porto de Santos, me lembrei de uma história que escrevi em um livro em 1753. É uma história bem confusa, se me lembro bem, havia um poeta e três moradores de rua, estavam dialogando entre si, eu estava ao lado dos moradores de rua (*caminha pelo palco*). Foi uma cena muito engraçada, mas com um final indesejado, e foi por este motivo que eu fiz o livro, para expor a verdade. Ainda lembro como estava o dia (*olha para cima, parecendo estar pensando, olha para plateia após isso*). Era um dia frio, cinzento e estava garoando, o silêncio dominava as ruas (*sons cessam*), só era possível ouvir os sons dos barcos (*sons altos de barco*) atracando no porto, até os próprios homens que carregavam a mercadoria estavam quietos pois seu patrão não os permitia falar, mas um pouco longe de mim, ouço uma poesia linda, vou correndo até o poeta. Me deparo com a cena que vou descrever agora.

*Entra em cena Vinícius, dirige-se ao limite do palco*

### **Vinícius**

*(segurando um saco de café, olhando para o espaço entre o palco e a plateia, como se fosse o mar)*

Ouçó o balanço do mar – calmo, solene. Respiro o meu último ar – calmo, solene.

A maresia reflete minha alma, encharcada de sofrimentos. Falo minha prosa em voz alta, e transformo em um poema meus últimos momentos.

Trabalhei o mais duro dos trabalhos. Aguentei até hoje viver em retalhos, jogado no lixo. Trabalhador vivo, forçado a morrer cada novo dia.

*(olha para baixo)*

Que a plateia ouça minha súplica, e que relembre como eu sofria.

*(respira fundo)*

### **Josefina**

Eita.

### **João**

Está loucão, mano? Fala português aí, pô. Que que é isso, concurso de rima? Tem prêmio? Esse prêmio é dinheiro? Sim? Não?

**Jéssica**

Se for dinheiro então bora pra rima. É... O que acha, Josefina?

**Vinicius**

Preciso pedir minhas desculpas, pois não tenho tempo para conversar. Este é o fim da minha vida, meu encontro com o mar. Minha última ferida: o ato de pular.

**Josefina**

EITA.

**João**

Amigo, amigo, calma! Você perdeu o concurso, é isso? De novo, seria mais fácil de captar sua situação de você falasse a língua do povo, sacou?

**Jéssica**

Pular? Pra onde? Não sei se você tá percebendo, mas se você pular você MORRE.

**Vinicius**

Este seria o ponto, não? O fim da minha vida, minha única salvação. Acaba-se a dor, minha ascensão.

**Josefina**

Eita, eita, eita.

**João**

Mas pra que você quer morrer, parça? Ainda tem tempo de enriquecer! A gente tem um plano de ir pra Guarujá, sabe? Daí a gente fica rico, e você pode vir com a gente!

**Jéssica**

Sim, sim, daí ninguém morre, e você ainda fica com uma graninha extra? Aceita, amigão?

**Vinicius**

Entendam, entendam- pra mim não há salvação

Minha morte será minha final decisão

**Josefina**

Putz.

*("Hello darkness my old friend" começa a tocar)*

*Vinicius respira fundo, olha pra baixo, e pula pra fora do palco*

*As cortinas se fecham.*

[ cena ]

## Vigília no porto

---

Felipe, Gaia, Leonardo, Manuela, Marina, Tiê e Tomás

[ 9º ano e 1ª série ]

### PERSONAGENS

Vigilante 1

Vigilante 2

*Os dois vigilantes são trabalhadores do porto, no entanto ficam só do lado de fora do portão 1. São novos.*

Catraieiro 1

Catraieiro 2

Catraieiro 3

*Os três catraieiros são amigos dos vigilantes, vão até o portão 1 almoçar ou fumar um cigarro com eles de vez em quando. São mais velhos.*

## CENA 1 - Boato

*Portão 1 do Porto de Santos:*

*Um tecido cor de grama está estendido no chão; em cima dele há vigas de ferro formando o pedaço de um trilho. Atrás dele, há dois bancos de ferro. À esquerda dos bancos, no fundo do palco, há uma placa grande com o escrito "Gate 1" acima de uma grade de portão.*

Voz gravada

Esta é a história de como dois homens passaram de vigilantes terrestres para vigilantes aéreos. Se passa no ano de 2022 e se inicia na frente do portão 1 do Porto de Santos, do lado dos trilhos do trem.

*Depois que a gravação para, surge um foco de luz no centro do palco. Começa um som de trem e pássaros. Uma música de suspense (<https://www.youtube.com/watch?v=m7lwxssbenc>) toca um minuto depois; começa bem baixinha e vai aumentando ao longo da cena.*

*Cinco homens entram no palco, se acomodam nos dois bancos; três se sentam, um passa por trás deles e recosta os cotovelos no apoio de um dos bancos, virado de costas para o público. O último apoia um pé em um dos braços do assento. Se revezam com um isqueiro para acender cinco cigarros.*

Vigilante 1

Sabe, fiquei sabendo de um boato que estão falando por aí, da comandante-chefe, estão dizendo que ela transforma as pessoas em pássaros. *Dá um trago no cigarro, olha para cima.*

Vigilante 2

É, eu ouvi sobre isso também... e o mais estranho é que estão dizendo que têm trabalhadores sumindo.

Catraieiro 1

E os pássaros só aumentam... *Dá um risinho de deboche, olhando para cima.*

Catraieiro 2

Eu cheguei a ouvir sobre isso, mas para mim isso não passa de uma baboseira!

Catraieiro 3

E que baboseira! Vocês do porto têm uma vida bem desinteressante, para ficar inventando esse tipo de coisa, hein?

Vigilante 1

*Fala em um tom tentando passar certo desinteresse. Os trabalhadores estão sumindo, seja por transformação ou não. Temos visto cada vez menos gente por aqui, e o pessoal da administração estava reclamando da falta de carregadores também.*

Vigilante 2

*Olha para cima, põe o cigarro na boca. Sua expressão fica preocupada. Os pássaros só aumentam mesmo...*

*Todos os cinco homens olham para frente, um pouco acima do horizonte, juntos. Põem o cigarro na boca com calma. Tiram, fazem um pequeno "O" com os lábios; sopram fumaça.*

Catraieiro 2

Era só o que me faltava! Estamos sumindo então?

Vigilante 1

Os carregadores e os vigilantes, vocês eu não sei.

Catraieiro 3

Estamos sumindo então...

*Toca um sinal alto.*

Vigilante 2

Temos que confirmar isso, não dá para deixar ficar assim...

*Os dois vigilantes do porto apagam seus cigarros. Se despedem rapidamente dos catraieiros e saem de cena. Os catraieiros se levantam também, dão uma última olhada para cima e saem de cena pelo outro lado.*

[ cena ]

## O operário no porto

---

Clara, Paulo, Jun, Kátia, Luca, Nina e Chico

[ 9º ano e 1ª série ]

### PERSONAGENS

Maurício, chefe

Breno, o operário

Homem barbudo

O ano é 1965, localizado dentro do porto de Santos. É visto o centro histórico da entrada do porto, há muitas pessoas lá fora. Seis horas trabalhando direto, Breno está centralizado no palco, olhando para a água, suas olheiras estão ressaltadas, seu corpo estático e sua expressão mostra seus pensamentos incansáveis. No fundo do palco à esquerda há sacas empilhadas de café e atrás do personagem há estruturas de metal. Passos pesados vão na sua direção.

MAURÍCIO - Breno! (ele se aproxima do garoto) O que você está fazendo olhando para o nada? (ele dá um empurrãozinho no ombro de Breno) Vai trabalhar!

BRENO - Ok...

MAURÍCIO - Me responda direito, muita gente queria estar no seu lugar garoto! Não me parece que você está aproveitando essa oportunidade de trabalho.

BRENO - (seu rosto está levemente franzido) Eu não sei o que você quer que eu responda, Mauro. (sua mão começa a fazer gestos ansiosos e ele tropeça desastradamente em uma saca de café e derruba toda a pilha)

MAURÍCIO - Olha a sujeira que você fez! É a nossa mais importante mercadoria. Você é um INÚTIL.

BRENO - Não foi por querer, Maurício! (visivelmente irritado)

MAURÍCIO - Não faça mais isso, seu mediocrezinh- (Breno interrompe Maurício empurrando-o para trás)  
O QUE É ISSO? AGORA VOCÊ VAI VER.

Breno empurra Maurício mais forte e o mesmo cai na água de costas, enquanto Breno fica paralisado na beira da plataforma.

BRENO - Me desculpa! Eu não queria fazer isso! (mentira)

MAURÍCIO - (dentro da água) VOCÊ ESTÁ DIMITIDO, É MELHOR VOCÊ IR EMBORA, SE NÃO VAI SER PIOR PRA VOCÊ.

Breno corre pela plataforma até tropeçar em um homem barbudo, grisalho, de terno, com cabelo comprido e baixo.

HOMEM BARBUDO – Eita!, menino, para onde você tá indo? Você não me parece muito bem.

BRENO - Acabei de ser demitido, aliás quem é você? Nunca te vi aqui. (seu rosto está franzido)

HOMEM BARBUDO - Vamos falar de você, por que você está há tanto tempo neste trabalho desgastante? Ninguém aguenta tanto tempo carregando sacas ou fazendo contagem de mercadoria.

BRENO - Eu não tenho outra opção de trabalho, aqui eles pagam pouco, mas contratam fácil. Eu precisava me sustentar sozinho. Nesta cidade é tudo porto, porto e porto, está difícil achar coisas diferentes. Eu estou nessa vida há 5 anos já, e meu chefe e todos ainda me tratam apenas como uma máquina dentro daqui.

HOMEM BARBUDO - Você está vendo esse terno? Eu trabalho no Monte Serrat, conhece?

BRENO - Claro, é o lugar de festas mais famoso aqui. Nunca fui lá infelizmente.

HOMEM BARBUDO - Pois é, eu sou dono do cassino lá em cima. Você pode vir trabalhar comigo.

MAURÍCIO - Moleque, você ainda está aqui? (sua voz ecoou de longe, ele correu)

BRENO - Eu preciso ir, senhor cujo nome eu não sei, mas definitivamente aceito a proposta, vou te procurar lá logo que sair daqui. (Ele foge em direção à entrada do porto)

HOMEM BARBUDO - Pode deixar que eu seguro ele aqui!

(O homem barbudo faz os borrachudos atacarem Maurício, que cai na água de novo, enquanto o homem sai voando, com o seu trabalho de espírito vingador dos operários cumprido com sucesso.)

\*música da cena - The James Bond Theme (From “Dr. No”)